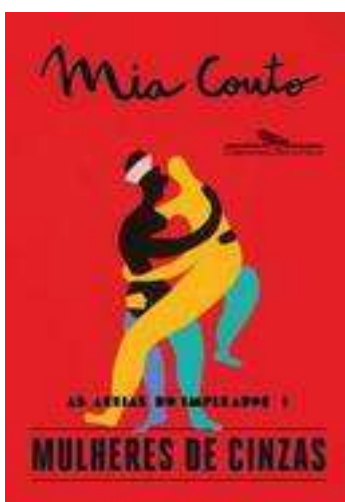


Resenha**Mulheres de cinzas que nada: mulheres de aço**

Ash women not at all: steel women

Michelle Aranda Facchin¹

UNESP

Submetido em 12 de setembro de 2016.**Aprovado em 07 de outubro de 2016.**

O que dizer do último romance de Mia Couto senão que ele expressa o mesmo talento presente nas obras anteriores!? A obra intitulada *Mulheres de cinzas* (2015) é a primeira da trilogia *Areias do imperador* e trata basicamente dos conflitos entre o imperador africano Gungunhane, os grupos étnicos africanos e a força militar portuguesa. O romance desvela as diferenças culturais, os hibridismos e os conflitos que complexificam a relação entre os africanos e os portugueses. Basicamente, temos dois olhares sobre os acontecimentos narrados, o de Imani e o de Germano, sendo a obra composta por narrativas que se intercalam entre o histórico e o ficcional. O primeiro capítulo abre-se com os relatos e memórias de Imani, seguindo a construção do romance

¹ Doutoranda no Departamento de Letras da Unesp de São José do Rio Preto. E-mail: michelleafacchin@gmail.com. Site: www.sementesliterarias.com.br

em constante alternância com as cartas do militar Germano ao conselheiro José d’Almeida.

Desse modo, os dois personagens narram os acontecimentos de acordo com perspectivas particulares: Imani é africana, Germano é português; ambos verbalizam a desconfiança que possuem em relação ao “outro”², percebendo e refletindo sobre as diferenças entre as nações africana e portuguesa.

Embora o romance retrate a infelicidade histórica do período da colonização, equilibra-se e afasta-se de um texto puramente histórico porque se mune de uma sensibilidade poética, traço marcante nas obras miacoutianas, atuando como uma elaboração da realidade que se baseia no trabalho com a linguagem e a sua condição de inovação e criação. O romance em questão norteia-se principalmente pela sensibilidade do olhar poético, corporificado em Imani, cuja arma reveza-se entre o silenciamento e o dizer diante de contextos e personagens impositivos e de alguma forma autoritários. Para aqueles que reconhecem a poesia como local de resistência e também àqueles que não, eis em Mia Couto um grande exemplo de ambos. Em suas entrevistas, ele menciona que a escrita é um processo de revisitação do passado; sendo assim, sua obra expressa o histórico e principalmente aquilo que Imani nos revela sobre Moçambique, como se fosse a ela relegada a função de pensar criticamente a África em contraposição ao olhar preconceituoso de Germano ou do olhar limitado, em grande parte porque carente de conhecimento da língua portuguesa, de outros personagens da obra.

Mulheres de cinzas expõe não apenas o passado histórico de Moçambique, mas especialmente as relações entre o africano e o outro, demonstrando que a cultura africana é híbrida, tendo a mestiçagem como traço principal. É nítido o incômodo do português Germano por estar instalado em África. As cartas que escreve ao Conselheiro José d’Almeida figuram o preconceito em relação à cultura africana: “Enfim, fantasias próprias desta gente ignorante.” (COUTO, 2015, p. 78). No entanto, ao longo do romance, o militar demonstra as suas reflexões sobre as diferenças culturais e se afirma invadido pela África, do mesmo modo que Imani e sua família já se veem constituídos pela cultura portuguesa, por meio da influência dos padres e por todas as relações estabelecidas entre os portugueses colonizadores e as etnias que iam contra o império de Gungunhane. Esse romance retrata essa miscigenação sobre a qual as nações se

² Entendemos o “outro” na relação de alteridade que existe entre as nações, sob o viés das diferenças entre culturas e da consciência dessas diferenças.

configuraram nos tempos coloniais e que notamos ter perdurado no contexto pós-independência, em que as identidades não são de modo algum fixas e definidas, mas inconstantes e mutáveis, em constante reconstrução a partir da relação com o outro que lhe é diferente.

Mia Couto expõe pessoas que vivem nas margens sociais e geográficas, explorando as fronteiras entre valores, crenças e diferenças culturais. Esse romance tateia as diferenças, destacando-as em espécies de paralelismos comparativos o tempo todo. Imani é antes de tudo uma mulher, que detém o poder de narrar um texto de caráter histórico, seco, objetivo, mas também poético, e por que não sutil? Ela possui uma vantagem em relação ao outro narrador da obra, Germano, porque foi educada por um padre, sendo assim é conhecedora da língua portuguesa, usando isso a seu favor para “investigar” as cartas do português. Isso a faz descobrir uma mentira do militar que colocaria a família dela e de outros africanos em risco aos ataques de Gungunhane. Imani representa uma mulher inteligente, capaz de traduzir as situações com facilidade já que tem o pé nesse espaço intercultural que a favorece. Já Germano representa um português militar, que se vê em África, mesmo dela tendo asco, utilizando a escrita das cartas ao conselheiro como um remédio para a sua solidão. Ambos não conseguem realizar a paixão que lhes surge, sendo fortemente levados pelas diferenças raciais. Imani menciona a diferença inter-racial diversas vezes e oscila entre o amor que sente pelo português e as diferenças étnicas que os impede de comungarem das mesmas ideias. Germano expressa um racismo, julgando os africanos como “gente atrasada”. No entanto, em uma de suas últimas cartas, ele assume que a nação portuguesa é gananciosa, de certo modo mostrando-nos que ele se envergonha do processo de colonização que empreendeu em território africano. No final do romance, Germano perde as mãos, as principais armas que usava contra a sua condição de exílio, em consequência do tiro à queima roupa empreendido por Imani para defender seu irmão do alvo do português. O romance já antecipa um declínio do império português e a vitória do africano sobre a sua terra e a sua identidade híbrida.

Mulheres de cinzas abre o primeiro capítulo caracterizando Imani, a narradora, como alguém sem identidade, alguém cujo nome não tem significado. Essa indefinição da identidade de Imani é reiterada pelas características dessa personagem, que foi educada por um padre português, mas mesmo assim ainda guarda traços culturais de seu povo, os VaChopi, cujas crenças são tratadas com certa arrogância pelo português

Germano de Melo: “Essa gente tem confiança é nas mezinhas, nos amuletos que acreditam imunizá-los contra as balas. Até eu, que Deus me perdoe, confesso que já tenho crença nessas superstições.” (COUTO, 2015, p. 102)

Imani sofre humilhação por parte do próprio pai, que a julga objeto sexual do militar português, mas é capaz de erguer a sua voz para impedir que seu povo seja prejudicado pelo império português e, ironicamente, é a única no povoado que possui qualidades para perceber o jogo de interesses dos portugueses lá instalados.

Imani, embora ciente das desigualdades das quais a mulher é vítima e das relações de poder que funcionam entre as negociações feitas pela sua família com o português militar, sabe que deve manter um comportamento compatível com a posição de submissão da mulher: “Era o que devia ter dito, mas guardei-me, submissa.” (COUTO, 2015, p. 159) “Quis resistir, morder-lhe o braço, atacá-lo com toda a fúria. Mas deixei-me ficar, parada, na educada submissão de mulher.” (Ibid. p. 194). Imani é totalmente consciente dessa ideologia e utiliza-se dela quando julga necessário, para manter a “ordem” paterna e cumprir o protocolo a favor de uma visão patriarcal, no entanto, ela tem nas mãos a possibilidade de lançar a sua voz perante o português Germano de Melo e não deixa de fazê-lo:

Nesse adiar de sentença senti o gosto perverso que as leas experimentam antes do derradeiro golpe. Atirei para o chão o telegrama do dia anterior, coloquei um pé sobre o seu peito, cuspi-lhe no rosto e, com a mais doce voz, insultei-o na minha língua.

- Branco mentiroso! Irás rastejar como uma serpente. (COUTO, 2015, p. 200)

Essa cena da revolta de Imani contra o português por quem acabou apaixonando-se representa principalmente uma queda de braço entre raças, ultrapassando aquilo que poderíamos chamar de uma suposta guerra de sexos ou diferenças entre os gêneros, rumo a uma significação de resistência contra o domínio do branco colonizador e uma tentativa de afirmação de uma raça puramente negra:

não pude deixar de notar a falta de habilidade dos portugueses. E dei comigo a pensar: nós, os negros, sabemos mexer numa pá incomparavelmente melhor que qualquer outra raça. Nascermos com essa habilidade, a mesma que nos faz dançar quando precisamos de rir, rezar ou chorar. (COUTO, 2015, p. 73)

Embora Imani pense na questão da raça negra o tempo todo e se preocupe em salvar seu povo do domínio português, notamos, ao longo do romance, como o processo

de mestiçagem e hibridismo entre culturas modifica tanto o branco quanto o negro, apresentando-nos uma África em que as dicotomias branco x negro, colonizador x colonizado, homem x mulher perdem a força, cedendo lugar a uma nova identidade africana, caracterizada pela mistura de culturas, crenças e valores, o que vem a desmistificar a ideia de africanidade no sentido usual de resgate aos valores tradicionais africanos e presentes nas falas utópicas da personagem Imani. Como afirma Ana Margarida Fonseca (2010, p. 245), “do encontro de culturas não resulta simplesmente a sobreposição da cultura dominante, nem o esquecimento da oprimida, mas uma nova forma que congrega traços culturais distintos e que já não pode ser identificada nem com uma nem com a outra.”

Germano de Melo questiona a própria nação portuguesa quando diz: “não adoeci em África [...] Eu adoeci de Portugal. A minha doença não é senão o declínio e a podridão da minha terra. [...] É essa a minha e a sua doença: a nossa pátria sem futuro, vazada pela ganância de um punhado, dobrada sobre os caprichos da Inglaterra.” (COUTO, 2015, p. 315). Esse excerto demonstra bem a hibridização cultural e a forma como o imperialismo é questionado por Germano assim como o fracasso da nação portuguesa para justificar a colonização, uma vez que o romance deixa claro o interesse financeiro, político e ganancioso dos portugueses em África.

Mulheres de cinzas desestrutura as dicotomias e representa identidades de maneira complexa, que não se atém a estereótipos mas sim às relações de poder, representadas nos dois narradores do romance, Imani e Germano, que expõem suas memórias como parte de um arquivo cultural sobre a colonização, instaurando-a como uma prática violenta e gananciosa. Desse modo, o romance não retrata a História, mas as várias possibilidades e os olhares possíveis sobre os acontecimentos em Moçambique e principalmente a impermanência identitária tanto dos africanos como dos portugueses considerando o hibridismo cultural e todo o contexto histórico retratado no romance.

Referências bibliográficas

COUTO, Mia. *Mulheres de cinzas: as areias do imperador: uma trilogia moçambicana*, livro 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FONSECA, Ana Margarida. O lugar do outro: representações da identidade nas narrativas de Mia Couto e José Eduardo Agualusa. *Diacrítica: dossier de literatura comparada*. Universidade do Minho: Húmus, p. 237-264, 2010.